

APRENDIZAGENS EM ODONTOLOGIA: ENTRE O VIRTUAL E O PRESENCIAL

CASTRO, Ricardo Dias¹

FERREIRA, Gabriela Lacet Silva²

REICHERT, Altamira Pereira da Silva³

XAVIER, Alidianne Fábila Cabral⁴

CAVACANTI, Alessandro Leite⁵

RESUMO

Objetivo: Avaliar a percepção de estudantes do curso de Odontologia a respeito dos componentes curriculares Estágios Supervisionados inseridos no Serviço Único de Saúde (SUS). **Método:** Foi apresentada uma situação-

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Odontologia da Universidade Federal da Paraíba (UFBP), João Pessoa/PB, ricardodiasdecastro@yahoo.com.br

² Graduanda em Odontologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFBP), João Pessoa/PB, gabrielalacet@yahoo.com.br

³ Docente do Departamento de Saúde Pública e Psiquiatria da Universidade Federal da Paraíba (UFBP), João Pessoa/PB, altareichert@gmail.com

⁴ Docente do Departamento de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande/PB, alidianne.fabia@gmail.com

⁵ Docente do Programa de Pós-Graduação em Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande/PB, dralessandro@ibest.com.br

problema e criado um fórum de discussão em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), onde foram produzidas 204 mensagens. O Discurso do Sujeito Coletivo e a análise de conteúdo foram utilizados como estratégias metodológicas para tratamento dos dados. Foi construída, a partir das sínteses individuais, uma síntese coletiva.

Resultados: As mensagens foram categorizadas e analisadas com base nas temáticas: cuidado em saúde (n=87); trabalho ético no SUS (n=31); gestão em saúde bucal (n=14); estágio como instrumento de formação para o SUS (n=29) e outros (n=43). **Conclusão:** Predominou a concepção utilitarista do SUS para aprimoramento das técnicas e, em contrapartida, identificaram-se estudantes que reconhecem seu papel como atores sociais na comunidade e no serviço público.

Palavras-Chave: Educação em Odontologia. Escolas de Odontologia. Estudantes de Odontologia. Sistema Único de Saúde.

LEARNING IN DENTISTRY: COMPARING THE VIRTUAL AND ATTENDANCE METHODS.

ABSTRACT

Goal: To evaluate student perceptions in the course of Dentistry, regarding the curricula components including supervised training in the Health Public Service (SUS). Methods: A solving situation problem was generated and a discussion panel was created in a virtual learning environment (AVA) where 204 messages were produced. The speech of the collective subject and content analysis were used as methodological strategies to treat data statistically. Using the individual synthesis, a collective synthesis was thus, generated. Results: Messages were categorized and analyzed using different themes as a

base: health care (n=87), ethic work at SUS (n=31), supervision in oral health (n=14). Training as instrument to form the SUS (n=29) and others (n=43). Conclusion: The concept of SUS social utility predominated and was used to improve techniques and on the other hand, students that acknowledged their role as social participants in the community and in the public service, were identified.

Key Words: Education in Dentistry. Dental Schools. Dental Students. Health Integrated System.

.

INTRODUÇÃO

No processo de problematização da formação de profissionais de saúde bucal, especialmente os cirurgiões-dentistas, é consenso na literatura que este é caracterizado por uma abordagem biologicista hegemônica, medicalizante, procedimento-centrada e com forte caráter flexeneriano (LAMPERT, 2014). Por outro lado, existe uma forte tendência de mudanças, impulsionadas pelo discurso de reorganização dos modelos de atenção e das práticas de saúde, sobretudo pelas políticas que configuram o Sistema Único de Saúde (SUS) (MELLO et al., 2010).

Essas mudanças devem atender às novas demandas sociais e questionamentos relacionados às práticas pedagógicas desenvolvidas nas Instituições de ensino Superior (IES). Nas faculdades e cursos de odontologia, conhecer as características da profissão odontológica, seus valores construídos e espaços de poder, deve ser considerado quando se projeta a atuação docente que foge aos pressupostos de uma política que defende a manutenção de práticas tradicionais (SECCO; PEREIRA,

2004). Além disso, a proposição de um projeto pedagógico que valorize a inserção da prática, preferencialmente no âmbito no sistema público de saúde, desde o início do curso, representa uma importante estratégia de reorientação da formação (PALMIER et al., 2012).

Vivencia-se um processo de esgotamento do modelo tradicional de ensino superior, que requer mudanças que considerem a articulação entre as políticas de educação e de saúde. É necessário promover formação de recursos humanos vinculados ao SUS a partir de uma interação efetiva entre a formação dos profissionais, os serviços de saúde e as comunidades. Infelizmente, a odontologia tem ficado à margem das transformações que ocorrem para que isso aconteça. Sua prática ainda é fortemente influenciada pela exaustiva ênfase dada ao caráter individualista da profissão (CAVALCANTI et al., 2010; ARAÚJO, 2006), embora seja observado esforços no sentido de promover um cuidado em saúde bucal no contexto de ações interdisciplinares e multiprofissional (TAKEMOTO, WERLANG, ZENI, 2015).

Do ponto de vista da atuação docente, é preciso reconhecer que

diante de uma estrutura conservadora, as ações individuais ou com pouca agregação de forças, apresentam potencialidades e podem representar estratégias de mudanças. As transformações podem se construir para além de práticas pedagógicas realizadas em “ambientes especiais”, como clínicas odontológicas e salas de aula tradicionais (OLIVEIRA-JÚNIOR, SILVA, 2014; ARAÚJO, 2006), impulsionando o desenvolvimento de habilidade e competências relacionadas à tomadas de decisões diante de situações críticas (MAIA, 2014).

Face ao exposto, o propósito deste estudo foi avaliar a percepção de graduandos do curso de odontologia de uma instituição pública a respeito dos componentes curriculares Estágios Supervisionados no serviço público de saúde brasileiro, mediante práticas pedagógicas problematizadoras propostas em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa a qual permite entrar em profundidade na essência do tema proposto a partir da compreensão

das representações de um determinado grupo e do valor cultural que estes atribuem a determinados questionamentos (MINAYO, 2007).

O estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley, sendo aprovado sob Protocolo CEP/HULW número 08/2011.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) constituiu-se na estratégia metodológica escolhida, visto que clarifica com maior nitidez uma dada representação, uma vez que reconstrói “com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tantos discursos-síntese quanto se julgar necessário para expressar uma dada ‘figura’, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno” (LEFEVRE et al., 2005). Utiliza os depoimentos dos sujeitos como matéria prima, sob a forma de um ou vários discursos-sínteses organizados de forma lógica e coerente, compondo um discurso único redigido na primeira pessoa do singular (LEFEVRE et al., 2005).

Essa técnica de análise permite que haja a representatividade quantitativa e qualitativa das opiniões coletivas que emergem na pesquisa. Na representatividade qualitativa, cada

opinião coletiva é apresentada mediante um discurso, enquanto que na quantitativa, esse discurso tem uma expressão numérica, o qual indica quantos depoimentos foram necessários para compor cada DSC (LEFEVRE; LEFEVRE, 2006).

O estudo foi resultado de uma intervenção junto aos estudantes matriculados no componente curricular obrigatório Estágio Supervisionado VIII do Curso de Graduação em Odontologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que tem carga horária de 60 horas (4 créditos) e situa-se no 8º período do curso, de um total de 10 períodos. Essa intervenção foi realizada no período de agosto a dezembro de 2011.

As atividades práticas do referido componente curricular ocorreram nas unidades de saúde prestadoras de atenção básica (Unidades de Saúde da Família – USF) e especializada (Centros de Especialidades Odontológicas – CEO e hospitais) em saúde bucal do município de João Pessoa, sob a supervisão de dois professores.

O AVA é uma sala de aula virtual inserida no *Moodle*, no presente estudo, esse ambiente foi oferecido pela UFPB, em um ambiente virtual no

site: www.virtual.ufpb.br. A estratégia foi criada para complementar as atividades do componente curricular Estágio Supervisionado VIII, a fim de proporcionar discussões e reflexões sobre os processos de trabalhos vivenciados *in loco*, modelos de cuidados em saúde bucal executados, além de vivências relacionadas à gestão dos serviços.

Para o desenvolvimento das atividades, foi apresentada aos estudantes uma situação-problema (Quadro 1), obtida e adaptada do livro de situações-problema (BRASIL, 2008) do Curso de Especialização em Ativação de processos de mudanças na Formação Superior de Profissionais de Saúde, oferecido pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz.

A situação-problema apresentava a história de três estudantes do curso de graduação em odontologia que vivenciavam o estágio no SUS e tinham percepções diferenciadas do trabalho em saúde nesse cenário. Após o processamento dessa situação-problema, foi criado um fórum de discussões a partir da seguinte questão de aprendizagem: “Faça uma análise sobre a postura dos estudantes (Marcos, Paulo e Vinícius)

e do profissional do serviço (cirurgião-dentista) acerca do estágio e serviço. Existe semelhança entre este caso e seu estágio? Em caso positivo, aponte-a”.

Ao final de quatro semanas, os estudantes enviaram uma síntese

reflexiva individual acerca do que foi discutido no fórum. Foi construído, a partir das sínteses individuais, o DSC, contendo o entendimento, valores e concepções expostos pelos graduandos.

Quadro 1. Situação-problema apresentada aos estudantes matriculados no componente curricular Estágio Supervisionado VIII do curso de odontologia da Universidade Federal da Paraíba, 2011.

Em uma unidade de saúde...

Sentados em um pequeno banco de madeira, num dos corredores de uma Unidade Básica de Saúde, Marcos e Paulo, estudantes do terceiro ano do curso de odontologia, após uma manhã de atividades, trocam as impressões do dia, enquanto esperam Vinicius voltar da visita domiciliar.

- O Vinicius é empolgado mesmo, né? Provoca Marcos.

- É, o cara inventa umas coisas de ir à comunidade, de andar com os agentes, de visitar não sei quem, de ir ao colégio falar sobre não sei o quê... Ele gosta mesmo de estar aqui. Observa Paulo.

- Pois é, sei que fiquei exausto com o pessoal do acolhimento bem chateado. Você não tem ideia da loucura que foi aquilo hoje. Pra variar, tinha muita gente e os enfermeiros estavam quase loucos. Quando está assim, aquilo acaba desvirtuando, virando uma triagem, né? Não estou encontrando o que esperava aprender lá, conclui Marcos um pouco frustrado.

- Lá no consultório o dentista estava justamente reclamando da falta de critérios do acolhimento para agendar os pacientes. Segundo ele, enfermeiro não tem competência para avaliar, priorizar e agendar os casos. Reclama da falta disso, daquilo e daquilo outro. Dizia que, na época que ele mesmo controlava sua agenda e que como não tinha que discutir os casos em equipe, era bem melhor, gastava menos tempo em reunião e trabalhava muito melhor. Ele acha que a Secretaria de Saúde tem muita conversa fiada, exige muito e remunera muito pouco, finaliza Paulo.

- E o que você está achando das atividades práticas com ele, interroga Marcos.

- Olha, ele é um cara tecnicamente muito bom, mas não tem tempo, né? É muita gente para atender e, como não tem sala, eu acabo só olhando ele. No início é legal, mas depois cansa, né?

- Cara, parece que o povo da Universidade não vê isso, né?

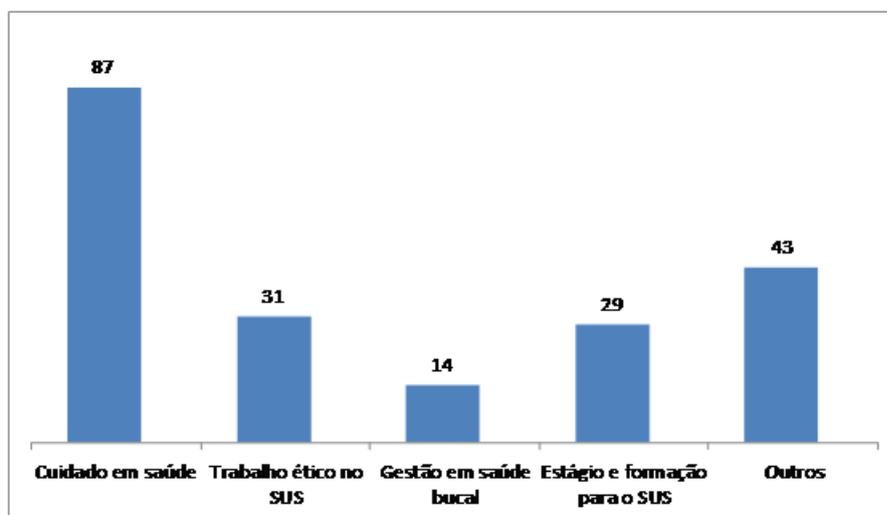
- Como diz Vinícius, *a escola é só teoria companheiro!* Ih, por falar no cara, olha ele aí, vamos pegar as coisas e *vamos embora*.

Fonte: Adaptado de: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Curso de Especialização em Ativação de processos de mudanças na Formação Superior de Profissionais de Saúde. Situações-Problema: especializando. 2ª ed. Rev. Brasília: Brasil. Ministério da Saúde/FIOCRUZ, 2008.

Foram produzidas 204 mensagens no fórum de discussão, com participação de 33 estudantes, além dos dois docentes do componente curricular. Após leitura e análise dos discursos, foram quantificadas (Figura 1) e agrupadas nas seguintes ideias centrais: cuidado em saúde, trabalho ético no SUS,

gestão em saúde bucal e estágio como instrumento de formação para o SUS, as quais emergiram das respostas à seguinte questão de aprendizagem: faça uma análise sobre a postura dos estudantes e do profissional do serviço (cirurgião-dentista) acerca do estágio e serviço. Existe semelhança entre este caso e seu estágio? Em caso positivo, aponte-a.

Figura 1. Quantitativo das mensagens enviadas ao fórum de discussão do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) de acordo com o agrupamento das ideias centrais (n = 204). 2011.



Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da pesquisa.

Resultados e Discussão

Em relação à ideia central “cuidado em saúde”, verificou-se que os estudantes reconheceram a importância de uma reordenação do processo de trabalho desenvolvido pelos profissionais, a fim de garantir um cuidado em saúde de qualidade. Entretanto, observou-se uma posição no sentido de apontar as dificuldades e problemas encontrados. Com exceção do acolhimento e agendamento, nenhuma outra proposta foi sugerida para proporcionar um processo de trabalho satisfatório.

“(…) É bem verdade que os dentistas não se identificam com a forma que a demanda é levada, pois, quase sempre são acostumados com a organização de um consultório particular, a seu modo (…)” (Estudante A)

“No meu estágio observei uma alternativa para minimizar a grande demanda de usuários na atenção básica que prejudica a qualidade do tratamento odontológico, através do agendamento, sendo realizado durante todos os dias de atendimento clínico e por turno, onde é agendado o número mínimo de pacientes indicado pela gestão (…)” (Estudante B)

“A questão do acolhimento para mim é um pouco confusa, pois as minhas experiências não são tão legais. Sempre que eu vi era aquele barulho, ACS andando

para um lado e para outro, usuário sem saber onde ficar e nem onde esperar. Na minha opinião, o acolhimento para o atendimento odontológico deve ser feito por alguém que entenda pelo menos o mínimo de saúde bucal (…)” (Estudante C)

“(…) acredito que oficinas ou outros instrumentos de aprendizagem devem ser propostos acoplados a ideia do acolhimento na unidade de saúde, com o objetivo de capacitar os integrantes da equipe para a resolução dos entraves que surgirem no acolhimento, independente da área de saúde que pertence, isso permite que se obtenha os objetivos do acolhimento, mas não a desorganização (…)” (Estudante D)

A literatura destaca que o trabalho em saúde corresponde a um modo de trabalhar onde usuários e trabalhadores atuam num jogo de encontro e negociação de necessidades (TAKEMOTO; SILVA, 2007), com a divisão e organização do processo de trabalho ocorrendo em função do objetivo final que se almeja (RODRIGUES, ARAÚJO, 2011). Assim, a produção de serviços centrada na concepção médico-curativa é orientada pela fragmentação dos procedimentos, pela tecnificação da assistência e mecanização do ato em saúde. Desse modo, para construção de modelo de atenção à

saúde centrada no usuário, é preciso ressignificar o processo de trabalho a partir da produção do cuidado na perspectiva da autonomização dos sujeitos, orientada pelos princípios da integralidade, interdisciplinaridade, intersetorialidade, humanização dos serviços e criação de vínculos.

No que se refere à ideia central “trabalho ético no SUS”, foi possível perceber a necessidade de um aprofundamento do tema, pois o SUS, na maioria das vezes, foi visto apenas como porta de entrada para o mercado de trabalho e possibilidade de garantia de renda, necessária para fomentar o trabalho no setor privado. Constatou-se ainda que é muito forte a visão utilitarista dos serviços públicos pelos trabalhadores, resultando, muitas vezes, em prestação de serviço desqualificada.

Tal constatação também foi verificada em um estudo prévio (CAVALCANTI et al., 2010), uma vez que 55,8% dos estudantes do curso de graduação em odontologia da UFPB percebiam o SUS como boa alternativa para o primeiro emprego, porém, o sistema era pouco valorizado pelo recém-formado, que tem forte tendência à especialização. Apesar da expansão da saúde pública e do

Programa de Saúde da Família, com consequente necessidade de profissionais generalistas, observa-se grande tendência à especialização e valorização do trabalho no setor privado (REZENDE et al., 2007).

“A maioria dos profissionais que conheço tem consultórios próprios e mesmo assim ingressa no SUS, com a finalidade de ter uma renda garantida no final do mês, para não ficar totalmente dependente do âmbito particular, por isso que sempre se tem essa “pressa” na conclusão do atendimento, para sobrar mais tempo para seu consultório”.
(Estudante E)

(...) Será que se o odontólogo vinculado ao SUS ganhasse um salário realmente digno, que viesse a cobrir todas as suas necessidades, a realidade não teria sentido inverso? (...)
(Estudante E)

“Foi escolha dele sim trabalhar no SUS, sabemos que o PSF é para onde vão muitos recém-formados em busca de experiência e de começar a ganhar dinheiro, nem todos vão pela vontade de estar no SUS. O pequeno salário não justifica sair mais cedo, mas é um ponto que deve ser tocado.”
(Estudante F)

“Muitos estudantes durante a graduação acabam se identificando com o serviço e assumem o perfil necessário para atuar em uma USF, planejando melhor as atividades que serão realizadas e promovendo a saúde bucal como propõe o programa. Já outros não têm o perfil e acaba assumindo uma USF pelo fato de garantir um emprego e uma

renda, o que acaba comprometendo o atendimento e quem sofre é a população que usa o serviço.” (Estudante G)

A avaliação dos princípios éticos nas práticas profissionais de saúde revelou que os acadêmicos se mostravam pessimistas em relação à perspectiva de melhoria do SUS e entendiam que a universalidade, igualdade, justiça e atendimento integral são condições ideais, mas que as possibilidades para alcançá-las são limitadas ou inexistentes (MENDES; CALDAS JÚNIOR, 2001).

Do ponto de vista do trabalho na ideia central “gestão dos serviços de saúde”, os estudantes identificaram que esse requer um envolvimento dos atores com a realidade e que o processo formativo pode proporcionar oportunidade de vivências necessárias para esse tipo de trabalho.

“Eu penso que Vinícius poderia ser gestor sim, pois pelo que parece, ele tem um bom engajamento com a atenção básica e tenta através de seu estágio buscar entender o que se passa com os usuários através de visitas domiciliares, podendo assim, enxergar de uma forma diferente a realidade de uma comunidade e usar esse conhecimento a favor de suas possíveis decisões (caso seja um gestor), favorecendo aos usuários.” (Estudante H)

“Um bom gestor deve possuir uma atitude de reflexão sobre o processo de trabalho, para conhecer melhor as limitações e necessidades vivenciadas na relação entre a equipe de saúde e os usuários para a partir de um trabalho em equipe, diminuir as diferenças entre o “ideal” e a realidade vivenciada pela USF. Caso um estudante demonstre uma atitude reflexiva e atuante desde os primeiros contatos com a atenção básica, podemos concluir que há todo um potencial a ser trabalhado para que futuramente ele possa ter um atividade atuante na gestão.” (Estudante I)

Os profissionais não se vêem como sujeitos de um processo de mudanças, demonstrando sentirem-se excluídos do sistema (MENDES; CALDAS JÚNIOR, 2001), mesmo os que desempenham funções de coordenação e gerência dos serviços de saúde, como se observa nas falas: “esse é um problema que não é nosso”, ou “é um problema que não depende de você”, ou “você vê que as coisas não dependem de você e você não sabe de quem dependem as coisas”. Esta é uma concepção da ideologia liberal, cujo referencial filosófico é o realismo mecanicista (MENDES; CALDAS JÚNIOR, 2001).

Outra ideia central referiu-se à importância do “estágio como instrumento de formação para SUS”, sendo, portanto, possível identificar

que as práticas dos estágios ainda são fortemente influenciadas por um concepção utilitarista dos serviços e pautada na necessidade de aprendizagem mecânica e técnica da profissão. Por outro lado, algumas colocações foram contrárias a esta ideia e apresentam elementos que refletiram uma posição reflexiva do papel do estagiário inserido na prestação dos serviços públicos.

“A maioria dos estudantes interpreta a palavra “estágio” meramente como alguma atividade prática. Desta forma, qualquer conversa prolongada que não seja alguma explicação do atendimento, trata-se de enrolação ou “perda de tempo”. Os estágios atuais têm buscado um enfoque diferente, não apenas o clínico, mas uma boa relação com o paciente, tornando-os profissionais humanizados (...)” (Estudante J)

“Eu acho que é necessário ter a consciência de que estamos lidando com pessoas, o que implica num bom relacionamento e preocupação com o bem estar. Mas ao mesmo tempo, como estudantes, também temos que aperfeiçoar nossa técnica e se não for no serviço público, onde será?! Acredito que é possível associar as duas coisas: humanização e aperfeiçoamento de técnicas”. (Estudante K)

“Isso varia de profissional para profissional. Eu, como estudante, no início do curso não gostava dessa parte da humanização, só via a Odontologia como uma prática "curativista". Não gostava de ir às escolas fazer palestras,

etc. Porém, vivenciando os estágios eu percebi que não é assim que deve funcionar. No convívio com a população em geral e com a realidade das USF's eu aprendi a gostar dessa parte "humana" da nossa futura profissão e perceber a importância da mesma para uma boa relação cirurgião-dentista/paciente. Essa maneira associada à teoria aprendida na universidade fez com que os trabalhos realizados na comunidade fossem prazerosos e proveitosos”. (Estudante L)

Pesquisa prévia desenvolvida na mesma instituição revelou que 65,1% dos estudantes do curso de graduação em Odontologia valorizavam os estágios supervisionados como oportunidade de vivência e familiarização com o processo de trabalho do SUS. Porém, 31,4% concebiam as atividades de estágio como importantes para possibilitar ampliação das atividades práticas, sem fazer uma associação com o SUS (CAVALCANTI; CARTAXO; PADILHA, 2010).

Os estudantes compreendem os usuários como instrumento no qual o conhecimento adquirido nas disciplinas é reproduzido (MOIMAZ et al., 2004). As atividades acadêmicas que promovem a inserção dos estudantes na rede de serviços do SUS possibilitam ao estudante-trabalhador

a vivência de situações reais do cotidiano do SUS, favorecendo o desenvolvimento do trabalho em equipe interdisciplinar, a qualificação dos recursos humanos destinados ao serviço e cuidado integral à saúde dos usuários (FERREIRA et al., 2009).

É preciso reconhecer que a valorização dos estágios supervisionados como possibilidade de ampliação de atividades práticas deve extrapolar o campo da aplicabilidade de técnicas clínicas e partir para interação com o SUS, permitindo reconhecimento de suas potencialidades e fragilidades no cuidado a saúde dos indivíduos (LAZERIS et al., 2007).

Dados obtidos nas Sínteses Individuais

A partir das sínteses individuais dos estudantes sobre o debate proporcionado no fórum, foi construída, por intermédio dos recortes das “falas” dos estudantes, uma síntese coletiva, ou o Discurso do Sujeito Coletivo (Quadro 2), que está carregado do entendimento, valores e concepções do sujeito subjetivo.

Quadro 2. Discurso do Sujeito Coletivo a partir das sínteses individuais construídas pelos estudantes acerca do debate ocorrido no fórum de discussão.

O texto mostra a realidade nua e crua das USF's, onde tudo anda mal das pernas. A situação problema retrata a vivência em estágio na atenção básica de três estudantes de odontologia, destacando muitas fragilidades do sistema, o que nos faz deparar com uma situação comum nos estágios, insatisfação com o pouco proveito do que está sendo feito e uma grande diferença de postura diante das mesmas oportunidades. Os estágios são os locais que os estudantes terão seu primeiro contato com pacientes, sendo estes mais direcionados para o estudante conhecer a realidade das USF, do que botar em prática aquilo que está aprendendo na universidade, trazendo pouco aprendizado.

A universidade segue um padrão de ensino muito diferente do que o SUS propõe. A nossa Universidade forma os alunos para o atendimento ao SUS, mas que acaba colocando alunos “contra” o SUS. Porque vemos todos os seus defeitos, regalias e burocracias. O texto retrata bem o acolhimento vivenciado por mim. Aquele “corre-corre” e um barulho tremendo. Na prática, para mim não consigo ver outro sinônimo para acolhimento se não for agendamento.

Em relação aos profissionais que trabalham no SUS, o que é visto hoje em dia, é uma massa de profissionais que utilizam o SUS apenas como uma renda acessória, mesmo

não tendo o perfil desejado, estão ali apenas pelo dinheiro, sem querer se envolver com as atividades de saúde. Diante deste contexto, há a necessidade de profissionais que tenham ética, que realmente tenham compromisso profissional e que sejam mais humanizados. Porém, fico me questionando até quando esse tipo de profissionais irá conseguir se reerguer depois de sempre está esbarrando nas dificuldades e até mesmo sendo impedido de colocar em prática aquilo que ele planejou para melhorar seu atendimento? É uma prática voltada para maior produção, quanto mais pessoas tiverem acesso ao atendimento melhor, não se pode dizer que existe qualidade no atendimento.

Nos estágios, não apenas a dinâmica das relações de trabalho e da interação usuário-profissionais é exposta aos estudantes, mas também às limitações e conflitos internos, o que por parte de alguns estudantes pode acarretar em uma visão pessimista e de descrédito. O que todos esses estágios me ensinaram, diante de tantos questionamentos, é que nós também devemos fazer o que não nos agrada, pelo menos por um tempo.

Quase sempre os estagiários não encontram o que esperavam aprender nos estágios, como diz a própria fala do personagem Marcos, pois estão preocupados em desenvolver habilidades práticas, estão pensando no futuro, serão profissionais e a técnica será exigida deles. Mas não só deve-se esperar do estágio aprimorar técnicas que se viu na universidade, é bem mais que isso, é ter que enfrentar a realidade como ela se apresenta, não adianta fechar os olhos e querer sempre trabalhar num mundo ideal, é tentar fazer sua parte para que a situação se torne mais próxima do desejado. O estágio deve ser reconhecido como uma ferramenta capaz de mostrar a realidade do serviço de saúde, sendo uma oportunidade para o estudante aumentar seus conhecimentos, aliar a teoria à prática, se tornar crítico e comprometido com a construção da cidadania.

Quanto a minha presença para a realização dos procedimentos, fico feliz em saber que a dentista me vê como um profissional que lhe auxilia no atendimento aos pacientes e que de certa forma acabo contribuindo para a sua formação permanente, isso se deve a confiança conquistada graças à oportunidade fornecida pela dentista para mostrar meu potencial de aprendizado.

Enquanto os professores e alunos não chegarem juntos a uma forma de superar a visão utilitarista do SUS as nossas universidades ainda estarão formando profissionais como o CD relatado por Paulo.

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da pesquisa.

É importante destacar as potencialidades da utilização de ambientes virtuais de aprendizagem em uma perspectiva problematizadora no processo formativo de profissionais

de saúde. Trata-se de um espaço de experimentação e vivências capazes de colocar o estudante em uma posição ativa diante da complexidade e diversidade do SUS, especialmente se for considerada a carga horária colocada pelas disciplinas e a impossibilidade da presença de número de estudantes em experiências diferenciadas.

Poucas são as experiências que utilizam as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) com abordagem problematizadora no processo formativo de profissionais de saúde. A análise da utilização de um ambiente virtual para o ensino em medicina por uma equipe multidisciplinar, a partir da construção de um site contendo depoimentos sobre experiências de adoecimento e tratamento de pacientes com transtornos mentais e doenças neoplásicas, demonstrou que a análise de problemas de saúde, a partir da TIC, proporciona a integração de crenças epistemológicas sobre formação em saúde, saúde e tecnologia educacional, bem com dos saberes docentes e disciplinares (RAMOS; STRUCHINER, 2011).

Do ponto de vista metodológico, é preciso reconhecer o ambiente

virtual de aprendizagem como uma tecnologia da informação e comunicação, que pode representar uma excelente ferramenta para o desenvolvimento de processos formativos problematizadores de profissionais de saúde. No entanto, assume-se que o mesmo ainda é pouco explorado com essa finalidade em cursos presenciais e que há necessidade de explorar mais e melhor esta ferramenta com a participação, por exemplo, de trabalhadores do SUS na discussão e utilização de vídeos e depoimentos reais a serem problematizados, podendo favorecer mudanças de concepções, com consequente qualificação das práticas cotidianas.

CONCLUSÃO

Entre os graduandos de odontologia da UFPB predominou a concepção utilitarista do SUS para aprimoramento das técnicas aprendidas no interior da Universidade, na visão dos acadêmicos o distanciamento das práticas x pressupostos teóricos das políticas públicas de saúde tem repercussão na postura dos trabalhadores.

Por outro lado, foi possível identificar estudantes que reconhecem seu papel de estudante-estagiário no processo de cuidado em saúde bucal,

na medida em que promovem troca de saberes com a comunidade e trabalhadores do serviço.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. E. Palavras e silêncios na educação superior em odontologia. *Ciênc & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p.179-82, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Portaria Interministerial MS/MEC nº. 1.802/08. Institui o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET - Saúde. Brasília, 27 de agosto de 2008; Seção 1, p. 27.

CAVALCANTI, Y. W.; CARTAXO, R. O.; PADILHA, W. W. N. Educação odontológica e sistema de saúde brasileiro: práticas e percepções de estudantes de graduação. *Arquivos em Odontologia*, Belo Horizonte, v.46, n.4, p.224-31, 2010.

FERREIRA, R. C.; VARGAS, C. R. R.; SILVA, R. F. Trabalho em equipe multiprofissional: a perspectiva de residentes médicos em saúde da família. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.1421-8, 2009.

LAMPERT, J. B. Educação médica no século XXI: mudanças no perfil do egresso. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, p.291-292, 2014.

LAZERIS, A. M.; CALVO, M. C. M.; REGIS FILHO, G. I. A. A formação de recursos humanos em Odontologia e as exigências do setor público: uma contribuição para serviços de saúde públicos e de qualidade. *Revista Odonto Ciência*, Porto Alegre, v.22, n.56, p.166-76, 2007.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. O sujeito coletivo que fala. *Interface – Comunicação, Saúde Educação*, Botucatu, v.10, n.20, p.517-24, 2006.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C; TEIXEIRA, J. J. O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

MAIA, J. A. Metodologias problematizadoras em currículos de graduação médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 4, p.566-574, 2014.

MELLO, A. L. S. F.; MOYSÉS, S.T.; MOYSÉS, S.J. A universidade promotora de saúde e as mudanças na formação profissional. *Interface – Comunicação, Saúde Educação*, Botucatu, v.14, n.34, p.683-92, 2010.

MENDES, H. W. B.; CALDAS JÚNIOR, A. L. Prática profissional e ética no contexto das políticas de saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.9, n.3, p.20-6, 2001.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 2007.

MOIMAZ, S. A. S.; SALIBA, N. A.; GARBIN, C. A. S.; ZINA, L. G.; FURTADO, J. F.; AMORIM, J. A. Serviço extramuro odontológico: impacto na formação profissional. *Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada*, João Pessoa, v.4, n.1, p.53-7, 2004.

OLIVEIRA-JÚNIOR, J.K.; SILVA, M. A.D. As tecnologias de informação e comunicação como ferramenta complementar no ensino da histologia nos cursos de odontologia da região norte. *Journal of Health Informatics*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 60-66, 2014.

PALMIER, A. C. AMARAL, J. H. L.; WERNECK, M. A. F.; SENNA, M. I. B.; LUCAS, S. D. Inserção do aluno de odontologia no SUS: contribuições do Pró-Saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p.152-157, 2012.

RAMOS, P.; STRUCHINER, M. Desenvolvimento de um ambiente virtual para o ensino da medicina por uma equipe multidisciplinar: fatores que influenciam a análise do problema educativo. *Interface – Comunicação, Saúde Educação*, Botucatu, v.15, n.36, p.227-42, 2011.

REZENDE, F. P.; NAKANISHI, F. C.; MACHADO, A. C. P.; QUIRINO, M. R. S.; ANBINDER, A. L. Perfil, motivações e expectativas dos graduandos e graduados em Odontologia. *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, São Paulo, v.19, n.2, p.165-72, 2007.

RODRIGUES, M. P.; ARAÚJO, M. S. S. O fazer em saúde: um novo olhar sobre o processo de trabalho na estratégia saúde da família. Disponível em: <http://www.observatorio.nesc.ufrn.br/texto_polo05.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2011.
SECCO, L. G.; PEREIRA, M. L. T. Formadores em odontologia: profissionalização docente e desafios político-estruturais. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.111-20, 2004.

TAKEMOTO, M.; WERLANG, F.; ZENI, E. O legado das diretrizes curriculares nacionais no ensino odontológico. *Revista Científica Tecnológica*, Chapecó, v.1, n. 1, p.393-401, 2015.

TAKEMOTO, M. L. S; SILVA, E. M. Acolhimento e transformações no processo de trabalho de enfermagem em unidades básicas de saúde de Campinas, São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.23, n.2, p.331-40, 2007.

Recebido em: 23-07-2014

Aprovado em: 07-04-2015